

AUTORIDADE E HISTÓRIA EM *O MARECHAL DE COSTAS*, DE JOSÉ LUIZ PASSOS

Daniel Falkembach Ribeiro¹

RESUMO: A partir da figura da autoridade do Marechal Floriano relacionada às personagens de Floriano e outras mais, desenvolve-se uma análise que procura definir o lugar de *O marechal de costas* (2016), romance do brasileiro José Luiz Passos, entre a biografia e a ficção, vislumbrando a categoria de ficção histórica. Pela leitura do texto em conjunto com estudos sobre o gênero, em especial os de Magdalena Perkowska (2008), procuramos também ver como uma crítica do passado a partir de uma narrativa do presente pode, em articulação com uma narração no passado, nos fornecer por essa justaposição uma interpretação da permanência autoritária diante das continuidades e contradições da formação social do país.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção histórica; Autoridade; José Luiz Passos.

ABSTRACT: On the figure of authority of Marshal Floriano in relation to the characters of Floriano and others, an analysis is developed in order to define the place of *O marechal de costas* (2016), a novel by the Brazilian writer José Luiz Passos, between biography and fiction, aiming the category of historical fiction. By reading the text and studies on the genre, especially those by Magdalena Perkowska (2008), we also want to see how a criticism of the past made in a narrative of the present can, altogether with a narration in the past, provide us by this juxtaposition an interpretation of the authoritarian permanence under the continuities and contradictions of the country's social formation.

KEYWORDS: Historical fiction; Authority; José Luiz Passos.

Introdução

É fato que Floriano Vieira Peixoto, marechal e segundo presidente da República, também conhecido como “Marechal de Ferro”, é representado em nossa história, ao menos no senso comum escolar, como herói republicano, responsável pela derrocada tanto da Revolução Federalista – daí a mudança do nome de Desterro, capital do estado de Santa Catarina, para Florianópolis, em sua homenagem – quanto da Segunda Revolta da Armada. Sua postura firme e autoritária, de acordo com o imaginário militar, também fez com que fosse apelidado de “Consolidador da República”, afinal teria efetivado por sua política beligerante a então nova forma de governo no país, ainda na chamada República das Espadas. À parte de todos esses aspectos já conhecidos de Floriano Peixoto, o que nos resta é sua figuração de autoridade, não somente por ter sido militar e presidente, mas também pela postura combativa de seu governo. Seus registros fotográficos e pictográficos, como seu retrato oficial como presidente, a princípio, parecem confirmar essa visão, apresentando-nos um homem em trajes militares de gala, com o olhar para o horizonte.

¹.Doutorando em Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR). *E-mail*: danielfalkem@gmail.com.

Por esses motivos, pode parecer incongruente se referir ao marechal em outra posição, porém é o que faz José Luiz Passos no recente *O marechal de costas* (2016), romance que, como o título aponta, nos apresenta Floriano Peixoto de modo distinto, de costas, enfim, de outra perspectiva. Abordaremos de agora em diante esse texto literário, a fim de averiguar quais representações da autoridade e da república nele se dão e em que medida elas nos fazem rever nossa história. Nossa preocupação não é exatamente responder a clássica pergunta: “é um romance histórico ou não?”, independentemente do modelo a que ela se refere. O objetivo é, acima de tudo, verificar como a personagem e o discurso histórico são compostos no romance e de que modo essa criação reconfigura a ficção histórica e até mesmo a nossa visão do passado por meio da figura da autoridade.

Entre autoridade e personagem

Antes de tudo, devemos refletir sobre como se elabora uma personagem, inclusa aí a figura de Floriano Peixoto. Se a considerarmos além da sua natureza ficcional, poderemos perceber, com Antonio Candido, que sua semelhança em relação aos indivíduos de nossa convivência não é à toa. É a mesma a fragmentação que lhe concerne, pois, a princípio, só a acessamos por meio da narração, que seleciona aspectos e acontecimentos para apresentar ao leitor:

[...] na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. (CANDIDO, 1976, p. 58).

Candido se refere, mais adiante em seu texto, ao recorte ficcional da personagem como “necessária simplificação”, que, talvez, não seja de fato uma simplificação, mas sim justamente um recorte que poderia ser uma visão fragmentária sobre alguém da parte de outrem. É evidente que aqui trabalhamos somente com hipóteses, mas, novamente, basta lembrar que mesmo uma personagem pode ser lida de maneiras distintas, apesar de serem um conjunto de fragmentos. O tamanho do escopo não diminui necessariamente o número de concepções a ser elaboradas sobre uma determinada figura. No entanto, também é claro que o enunciador (o “escritor” referido pelo teórico) pode explorar uma personagem o quanto

desejar, ainda que reste a possibilidade de, nessa investigação narrativa, ampliar ou até mesmo reduzir as interpretações em aberto na leitura.

Caso nos voltemos para Floriano Peixoto como personagem, devido ao fato de ele já existir como referência na história – mas não na vida hoje –, veremos como a intertextualidade e as relações do discurso podem trabalhar a favor do escritor. O conhecimento pressuposto, ao menos do leitor brasileiro, acerca do segundo presidente do país, seja ele derivado dos livros didáticos ou de outras obras historiográficas ou biográficas, é parte integrante não somente da leitura, mas também da escrita. Entretanto, como bem lembra Alcmeno Bastos (2007), é pertinente levar em consideração o papel do leitor na constituição da ficção histórica devido ao seu conhecimento próprio sobre história, afinal as **marcas registradas**, ou “o designativo próprio com que [a personagem] deu entrada nos registros documentais” (BASTOS, 2007, p. 87), devem ser compreendidas para que, de fato, a historicidade associada a esse significante, ou seja, à referência histórica desse referente seja evocada. Um leitor estrangeiro, por exemplo, que não saiba da relevância de Floriano Peixoto na formação da república no Brasil poderia ler *O marechal de costas* sob outra perspectiva, porém acreditamos ser difícil que essa leitura desligada da matéria histórica exista, em especial devido ao paratexto hoje oferecido pela produção editorial moderna, como a orelha do livro ou o texto da contracapa. Aí a intertextualidade (ou transtextualidade) seria o motor da leitura historicizante, ainda que por meio de outros recursos textuais.

Também sobre Floriano como personagem histórico, ou seja, integrante da chamada “extração histórica” do romance, conforme Bastos (2007, p. 84), poderíamos afirmar que, em *O marechal de costas*, sua relação com a autoridade, ou seja, sua identificação como elemento apropriado de uma biografia, da vida de alguém que existiu no passado, não ocorre de supetão. A autoridade de Floriano é construída ao longo das primeiras páginas, ainda no capítulo (ou, para usar a terminologia de Passos, “fase”) intitulado “Gênese”. De início, seu referente é unicamente “Floriano”, prenome comum que nos afasta de um tratamento formal da personagem, como um título hierárquico, como “marechal”, ou ainda a adição do sobrenome, “Peixoto”. Os primeiros períodos de abertura também parecem nos distanciar do âmbito da oficialidade para nos aproximar da intimidade e também da psique:

Absolutamente tudo, as conchas, uma flor que se abre, a maré sulcando a areia na praia, traz de volta a Floriano a imagem de uma vagina. Ele está prestes a entrar na sala de mãos dadas ao preceptor, que prefere ser chamado

de Bonaparte. Floriano vê a cortina de veludo roxo, com vincos de alto a baixo, dobrados num lábio na boca de cena, e isso também lembra uma vagina. Vinte e poucos rapazes aguardam adiante, calados no assento das suas carteiras, uns com as mãos espalhadas no tampo, outros de braços cruzados, estalando os dedos, mortos de tédio, à espera de sua entrada com o fantástico velhote, dito Napoleão, que logo antes tinha lhe avisado. (PASSOS, 2016, p. 13).

Note-se o sujeito do primeiro período: “absolutamente tudo”, que é composto de “conchas, uma flor que se abre, a maré sulcando a areia na praia”, que traz um objeto direto, “a imagem de uma vagina”, a alguém, Floriano. Definitivamente, estamos no território da psicologia da personagem, de seus desejos sexuais e do imaginário a eles associado, imaginário do qual faz parte também a forma da dobra da cortina mais adiante. É evidente que, mesmo que o leitor de fato associe esse “Floriano” ao segundo presidente brasileiro, à pessoa que existiu, se torna razoável fazer-se um questionamento sobre a propriedade, a segurança da caracterização da personagem ligada à sexualidade, a um domínio tão próprio de sua psique, perguntando-se: “será que Floriano Peixoto era tão obcecado com a genitália feminina?” Se pensarmos na associação com a autoridade que o marechal evoca até hoje, tal reflexão pode parecer ser incoerente, pois a perversão sexual ou qualquer traço de eroticidade não poderia ser contemplada na constituição de um herói nacional, sob moldes clássicos. Ou ao contrário: ela pode ser coerente, justamente porque a figura do herói, ligada à noção de masculinidade, preveria seu desejo pelo corpo da mulher.

Acreditamos que, nesse mesmo parágrafo inicial, a menção a Bonaparte, depois Napoleão, pode também gerar confusão ao leitor que busca no romance a veracidade ou ainda a extração histórica que lhe convém, dado o fato elementar que Napoleão Bonaparte como conhecido pela historiografia francesa não poderia conviver no mesmo espaço e no mesmo tempo que Floriano Peixoto. O leitor talvez não habituado com a ficção histórica contemporânea poderia aí se questionar se há de fato algo de “histórico” no romance, buscando o “balanceamento” entre o poeta e o historiador, como prescreve Bastos (2007, p. 85-87), balanceamento que poderia se efetivar caso se constatasse a relevância da história no texto para além de algo incidental. A função do referente “Floriano” ou de “Bonaparte” parece se manter vaga nessa primeira página, fazendo-nos perguntar se o acontecimento narrado corresponde ou não a um acontecimento do passado. Trata-se, na verdade, de pôr em

xeque a adesão do leitor ao pacto ficcional dentro de suas expectativas para o romance que começa a explorar.

A autoridade de Floriano Peixoto, do segundo presidente, no romance de Passos parece ser reelaborada já de início, diante dessa desconfiança que o leitor pode de antemão criar, sendo acostumado à ficção histórica ou não. Poderá, então, se perguntar se aquele Floriano, em sua sensibilidade, na exposição de suas ânsias carnavais, faz jus à imagem do “Marechal de Ferro”. De todo modo, a leitura prossegue, bem como a construção das personagens. Destacamos algumas passagens relevantes para nossa análise a fim de verificar como autoridade e personagem interagem entre si na continuação do texto literário, não apenas em relação a Floriano, mas também a Napoleão, quando nos convir.

Ao longo da leitura de *O marechal de costas*, torna-se evidente a obsessão de Floriano com Napoleão, que está de mãos dadas com o primeiro no início do romance, trajado de acordo com o imaginário que lhe é relacionado: de “chapéu tricórnio e casaca cinza, o espadim à cintura” (PASSOS, 2016, p. 15), vestimenta que, evidentemente, não corresponde a todos os momentos da vida da personalidade da história francesa. Napoleão Bonaparte, monárquico, está ali ao lado de Floriano na abertura. Logo após, em outro parágrafo, seguindo-se a um espaço graficamente em branco, Floriano já se encontra também em outro espaço, no dormitório, vê-se mais claramente, pela referência a “José Gentil, Bonaparte”, distinto do “Napoleão francês”, que há uma projeção do imperador francês (um “militar de carreira”, como se aponta no texto) em outra personagem. Além disso, em termos discursivos, fica-nos indicada outra tendência do romance, a aproximação do narrador com a voz de Floriano, o que se confirma, inclusive, pelo fato de que, no resto do texto da cena que foi preparada para a escola militar, conotando um diálogo, um apoio mútuo, a referência a José Gentil como Bonaparte se mantém predominante, de modo que se confunde concretamente com o dito “Napoleão francês”. Dessa maneira, e também pela ausência de marcas convencionais de diálogo no romance, como o travessão ou os parênteses, o discurso biográfico relativo à figura da história francesa é, aos poucos, integrada ao imaginário, ao pensamento constante da personagem Floriano em sua introspecção, o que se reforça também pela leitura que ela faz de uma biografia de Napoleão, cujo texto é incorporado ao discurso literário.

Vê-se que, não obstante se faça alguma referência por paratexto à relação do romance com a história, o leitor após a primeira “fase” de *O marechal de costas* e até mais adiante poderá se questionar se o que lê é um romance histórico, se ali há de veras fatos. A procura por traços do factual pode ser frustrada em qualquer texto desse gênero, seja ele mais próximo do modelo scottiano, do romance histórico de acordo com Lukács (2011), ou até mesmo da produção contemporânea. A fixação do romance de Passos na representação de Floriano também poderia nos levar a cogitar se não se trata de uma biografia ou até mesmo de um romance mais propriamente biográfico do que histórico².

Antes de avançarmos nessa discussão, gostaríamos de lembrar que o gênero de que tratamos “não deve mostrar nem existências individuais nem acontecimentos históricos, mas a interseção de ambos: o evento precisa trespassar e transfixar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos” (JAMESON, 2007, p. 192). É um posicionamento de Fredric Jameson que nos insere inevitavelmente no diálogo com a história numa visão que não é estanque, que vislumbra os acontecimentos históricos como integrantes da vida social e da vida individual e que não param de se refletir nelas em nenhum momento. Ainda sobre essa interseção, o teórico estadunidense acrescenta que o romance histórico:

[...] pode incluir todos esses aspectos, mas tão-somente sob a condição de que eles tenham sido organizados em uma oposição entre um plano público ou histórico (definido seja por costumes, eventos, crises ou líderes) e um plano existencial ou individual representando por aquela categoria narrativa que chamamos de personagens. (JAMESON, 2007, p. 192).

Desse modo, a depender da caracterização de uma personagem, ela, mesmo que esteja em um espaço íntimo, reservado, poderá, a seu modo, dialogar com os acontecimentos e estabelecer essa interseção, o que Floriano certamente faz no romance que analisamos. Qual seria, então, a relevância de se ler sobre o imaginário sexual da personagem ou até mesmo sua fixação com figuras monárquicas? De um ponto de vista mais convencional, esperamos que Floriano reflita, é claro, o “Marechal de Ferro” e suas ações já conhecidas por muitos brasileiros desde os tempos de escola. Todavia, também é preciso nos atentar para a relevância que essa relação entre público e privado, ou melhor, entre “público” e

² A título de curiosidade, recordamos que a imprensa, nas resenhas após o lançamento de *O marechal de costas*, em 2016, tentou defini-lo, por exemplo, como “romance histórico” (*O Globo*, 22 out. 2016), “biografia romanceada” (*Época*, 28 out. 2016) e até mesmo romance de “urgência pessoal e política” (*Folha de S. Paulo*, 29 out. 2016), o que evidencia a variedade de leituras que o texto produz.

“existencial”, sob as categorias de Jameson. Em *O marechal de costas*, na prática, o que vemos é justamente o diálogo entre esses planos, que, com certeza, não se mantêm separados no texto literário. Do plano público ou histórico, Floriano Peixoto corresponde, de acordo com o imaginário brasileiro, ao “Marechal de Ferro” em suas vestimentas militares, porém, no plano existencial ou individual da narrativa, há Floriano, que, em sua formação, se baseia em outra figura pública, Napoleão, para construir a sua, relativa à autoridade.

Observa-se, portanto, uma relação circular que o romance analisado, no âmbito da ficção histórica, cria de modo que revisitemos nossa memória coletiva para dela gerar uma nova leitura. É inevitável lembrar, nesse momento, das diferenças claras entre a epopeia, ao menos a homérica, e o romance histórico na caracterização da personagem:

A inconsistência da epopeia quanto à relatividade do passado é uma das chaves para se estabelecer a diferença entre os dois gêneros e o traço fundamental do romance quando acrescido do adjetivo histórico. Sua matéria é o passado, como a epopeia, mas o passado histórico, ainda vivo, sujeito a revisões, inconfundível com o passado mítico, cristalizado, imutável. Não comporta heróis como os clássicos, mas seres humanos, igualmente capazes de atos heroicos determinados por motivos vis e de ações condenáveis movidas por sentimentos nobres. (WEINHARDT, 2007, p. 294).

É fato que Floriano, no romance de Passos, não é um herói “como os clássicos”, mas uma representação que o assemelha a outros seres humanos, porém com a ambição de criar para si um mito, que integrará o nosso “passado mítico, cristalizado, imutável”, assim como Napoleão Bonaparte era para ele. Contudo, ao longo dessa formação, o romance nos apresenta também outros aspectos entre história e autoridade, de modo que o passado de Floriano não seja apenas revisado, mas também integrado ao presente pelo discurso, questão na qual nos concentraremos daqui em diante.

História e crítica do passado

A relação entre passado e presente na qualificação da ficção histórica não é algo fácil de se resolver, de modo que, em tempos recentes, algumas definições têm sido propostas, como, por exemplo, as de Seymour Menton (1993) e Magdalena Perkowska (2008). À parte dessa discussão e de seus critérios específicos, é relevante se mencionar que *O marechal de costas* se distingue do romance histórico em sua forma clássica ou mais comum também pela interação discursiva entre passado e presente. Não se tratam somente de referências da parte

da narração, que, de fato, também existem no romance, como na descrição do vestuário de Floriano ainda na “Gênese”, em que seus calçados, na mencionada apresentação teatral na escola militar, têm “largos saltos de madeira, como tamancos ou botins, daqueles que **hoje em dia** só uma mulher usaria” (PASSOS, 2016, p. 14, grifo nosso). Esse é apenas o primeiro diálogo no romance com nosso presente e seus costumes.

O maior impacto para o leitor, com certeza, advém do fato de que, na segunda “fase”, “Juventude”, além da narrativa de Floriano jovem em si, há passagens que se referem a outro tempo da narrativa, mais recente, com outras personagens, outros espaços e outros debates. Todavia, não se tratam de dois textos desconexos entre si; nas semelhanças, estabelece-se uma relação valiosa. A narrativa paralela que se constrói se refere a quatro personagens: dr. Ramil, Ramil Jr., a cozinheira e o professor, sendo que estes últimos dois são apenas nomeados por sua profissão. De modo semelhante ao discurso de Floriano, aqui nos aproximamos da voz da cozinheira, claramente distinta dos outros por fatores sociais e econômicos, mas desta vez a narração assume a primeira pessoa. Em um diálogo inusitado, conjectura-se a todo tempo como ela, originária do estado de Alagoas, como Floriano Peixoto o era, poderia ser parente distante do marechal. Na casa do dr. Ramil, onde trabalha, acompanha discussões entre a família e o professor, principalmente sobre política, nas vésperas do recente *impeachment* de Dilma Rousseff. Como uma espécie de casa-grande, a residência parece representar, na opinião da cozinheira, uma opressão contra ela e a perpetuação de um cenário conservador, em contraste com protestos populares que ocorrem na cidade, no caso, o Rio de Janeiro, acompanhados com distância e receio pela família Ramil.

Como foi dito, aparentemente esse segundo enredo, por nós descrito de maneira breve, parece não ter conexão com a formação de Floriano, porém é fato que sua presença no romance leva a inevitáveis relações por parte do leitor, relações que não são de modo algum simples. A configuração da autoridade e da história em *O marechal de costas* se torna mais complexa por meio desse paralelismo, como podemos ver por trechos como o seguinte, no caso, uma transição após a narração em que Ramil Jr. e o professor encontram a cozinheira e com ela dialogam de modo distante e desigual:

Isto foi hoje cedo. E a partir daí comecei a pensar mais e mais no meu passado. No meu passado e não só no do país. Revi um pouco do que veio comigo, de longe, de onde venho, de como servi a quem servi e, sobretudo, por quê.

Sem motivo, e com força, o primo Reginaldo Inácio cutuca Floriano, ele sente a pontada entre um braço e a garganta. Reginácio tinha gracejado quando Floriano voltou à sala para que os da mesa vissem seu uniforme de oficial da Praia Vermelha. (PASSOS, 2016, p. 35).

O exemplo evidencia, além da transição entre as narrativas que marca todo o romance, uma reflexão da parte da cozinheira sobre a história, não só pública, coletiva, mas também a individual, como consequência da sua situação diante da família e do intelectual. A continuação que se segue da narrativa de juventude de Floriano, em Alagoas, já como oficial, demonstra como a família também contesta sua autoridade, aqui de caráter totalmente diferente daquele da cozinheira, e se refere justamente a alguém “que veio comigo, de longe, de onde venho”. Esses ligeiros paralelos que se estabelecem através do romance nos fazem confrontar tempos, espaços e personagens em busca da história que os interliga, de semelhanças ou diferenças, constantemente oferecendo a possibilidade de reavaliar não só o passado como o presente.

É importante, antes de seguir com nossa análise, reforçar que a caracterização das personagens no romance, sob as formas sobre as quais já refletimos, não é de todo maniqueísta. O romance de Passos, apesar de destacar uma personagem ligada à noção de autoridade e à formação da república, não busca elevá-lo a uma condição de herói nem de bom samaritano. Aí já temos uma distinção fundamental da ficção histórica contemporânea em relação ao “drama de costumes”, relacionado ao romance histórico scottiano:

O que caracteriza o drama de costumes, na minha opinião, não é tanto uma ambientação histórica exótica que inclui traços pitorescos, mas uma forma melodramática que pressupõe o vilão, ou seja, que se organiza em torno do dualismo ético do bem e do mal. (JAMESON, 2007, p. 186).

Ainda sob os termos de Jameson, poderíamos dizer que a narrativa relacionada a Floriano, em *O marechal de costas*, é a representação de um “período de transição histórica” (2007, p. 188), sem a referida “forma melodramática”, período que, sob a ótica do contexto atual, aponta uma “fragmentación y diversificación del cuerpo social”³, mas também a um abandono do Estado (PERKOWSKA, 2008, p. 30). Como herdeiro da ficção histórica não só brasileira, mas latino-americana, Passos se utiliza da história de modo crítico e contestador, contrapondo-a ao presente pela narrativa paralela da cozinheira e, atento ao “*continuum*

³ “Fragmentação e diversificação do corpo social” (tradução nossa).

oscilante de registros” (ANDERSON, 2007, p. 212) que caracteriza o romance histórico, insere um viés ensaístico ao discurso, em mais uma transição discursiva, esta após a narrativa de um acidente na chegada de Floriano jovem a Alagoas:

No início de seu apanhado sobre a curta vida de Floriano, a quem ele prontamente chama de Implacável, Natale Netto conclui o seguinte. Para compreender de forma ampla a personalidade de Floriano, tem-se hoje como certo que, além da infância apartada do calor familiar e do aconchego do ar de nascença, da adolescência e juventude passadas no internato e nos quartéis, o jovem teve seu caráter fundamentalmente acrisolado na espartana e férrea disciplina da caserna [...]. (PASSOS, 2016, p. 21).

O dito *continuum* aqui surge em toda sua potência: da narrativa em terceira pessoa do desembarque de Floriano e seu encontro com Josina, prima e futura esposa, após um espaço em branco, lemos uma passagem distinta, de um discurso que aparenta ser ensaístico ou científico, e, por mais uma transição, depois se lê um intertexto biográfico, de autoria de Natale Netto, sem quaisquer marcas convencionais de citações, salvo a menção de que o biógrafo “conclui o seguinte”. Verifica-se aí uma drástica mudança nos rumos do discurso romanesco. Não se trata, no entanto, de uma novidade se observarmos a ficção do século XX, inclusive aquela dita histórica, porém precisamos considerar que tal intertextualidade pode não ser o que parece. Ao longo do romance, como dizíamos, o “abandono do Estado” e da reverência nacionalista da ficção histórica do século XIX se tornam patentes, de modo que Floriano, se puder ser chamado de “implacável” de acordo com Natale Netto, não é de modo algum louvado. Recordemos que, apesar de esse intertexto ter sido retirado de uma biografia, ou seja, de um texto não ficcional, aqui não se aplica a noção de “intertextualidade crítica” postulada por Leyla Perrone-Moisés (1978), ou seja, uma espécie de submissão à “fonte”. Devido ao caráter literário de sua escrita, em *O marechal de costas*, o escritor “não declara nada, utiliza os bens de outrem como se fossem seus” (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 65), ainda que se mantenha a tensão dialógica para o leitor. Dessa maneira, seu romance não se submete à louvação da história factual, pois ela deixa de ser preterida pelo ficcionista em prol da crítica perante o passado. A todo tempo, há um posicionamento de afastamento da história como registro de um “passado mítico, cristalizado, imutável”, a História em letra maiúscula que, por exemplo, Ramil Jr. quer impor à cozinheira:

Foi no mercado que Ramil Jr. me veio com a pergunta sobre por que voltar no tempo, pra que ler história. Com isso ele queria dizer História. Tinha me trazido de presente uma revista velha, com o marechal estampado na capa.

Quando me virei para ele, dei, ali, no menino que vi crescer, com a cara de um moço de cabelos longos, escuros, de camiseta preta, o braço tatuado e, brilhando no dedo mindinho, um anel de caveira que faiscava quando ele acenou para mim. Recebo solicitações dessas em situações semelhantes. Não sou maçante nem bronca. Tive berço. Sei me portar. (PASSOS, 2016, p. 31).

A essa passagem, segue-se ainda a descrição da cozinheira por situações em que foi associada às suas origens alagoanas, nordestinas, de modo denegridor, e a narração de Floriano na casa da família que o criou, horrorizado pelos hábitos locais em comparação com os da capital e dos militares. Como o escritor se apropria dos elementos para a escrita a seu bel-prazer, a cozinheira também aparece como via para a crítica do passado e contraponto importante para a formação de Floriano não apenas nos capítulos iniciais, sobre os quais mais nos detivemos, mas também no restante da obra.

A fim de constituirmos um caminho para, enfim, definir como se dá essa relação entre crítica do passado e narrativa histórica no romance de José Luiz Passos, podemos, a partir tanto da noção de hibridez de Néstor García Canclini quanto de heterogeneidade de Antonio Cornejo Polar, observar como na obra de Perkowska (2008) é apresentado o conceito de história híbrida. Para compreender não só o lugar do romance de Passos no contexto histórico brasileiro e latino-americano, mas também na própria categoria de ficção histórica, é possível apreender por esta reflexão acerca das novas funções da historiografia e do romance na contemporaneidade:

La resignificación de la realidad y la búsqueda de nuevos proyectos – reformas – pasa por la heterogeneidad. La nueva función de la historiografía y de la novela histórica consistiría en explorar las discontinuidades e intersecciones obliteradas por el proyecto de la modernidad, recorrer las brechas sociales y recuperar la diversidad del pasado para buscar las raíces históricas de las heterogeneidades e racionalidades diferenciadoras del presente.⁴ (PERKOWSKA, 2008, p. 105).

Por essa passagem, Perkowska, além de fornecer um contexto para seu conceito, também nos introduz num âmbito em que *O marechal de costas* parece se situar. Percebemos, de fato, como as “descontinuidades e interseções obliteradas do projeto da modernidade” atuam entre os tempos que constituem a matéria do romance, de modo que a “diversidade do

⁴ “A resignificação da realidade e a busca de novos projetos, de reformas passa pela heterogeneidade. A nova função da historiografia e do romance histórico consistiria em explorar as descontinuidades e intersecções obliteradas pelo projeto da modernidade, atravessar as lacunas sociais e recuperar a diversidade do passado para buscar as raízes históricas das heterogeneidades e racionalidades diferenciadoras do presente” (tradução nossa).

passado”, que acompanhamos inicialmente pelo enredo ao redor de Floriano, se torna mais complexa justamente pelo presente exposto como desenvolvimento, como fruto que surgiu daquelas “raízes históricas”. A interlocução que estabelecemos entre Floriano e a cozinheira, cada um em seu lugar, evidencia como a “ressignificação da realidade” que vivemos passa em um primeiro momento pela comparação, pela justaposição desses tempos da narrativa para que, em seguida, vejamos que eles fazem parte de um processo histórico, apresentado ao leitor de uma maneira totalmente distinta daquela da historiografia convencional, cronologizante e homogênea. As heterogeneidades do presente, portanto, são demonstradas por esse discurso que nos aponta para a persistência da figura da autoridade, questionando-a sobre sua posição e seu domínio da historiografia.

Considerações finais

Diante das visões controversas de história, derrocadas pela desigualdade das relações humanas e da sociedade, o discurso romanesco de Passos segue na contraposição das narrativas em direção tanto à ascensão de Floriano ao poder quanto à decadência da democracia na leitura da cozinheira, ou seja, para dois polos opostos, ao mesmo tempo. Distinto do “romance de ditador” latino-americano, de obras de Augusto Roa Bastos, Gabriel García Márquez ou Guido Rodríguez Alcalá, o romance não nos apresenta uma ópera bufa de Floriano Peixoto, justamente porque a crítica intrínseca à sátira aparece, principalmente, por meio do dialogismo do gênero e da narração por parte da cozinheira. Propõe-se, talvez devido à “desesperança” apontada por Perkowska na ficção histórica contemporânea (2008), uma leitura da permanência autoritária na história brasileira, algo que se concretiza em especial pela reconstrução da personagem em Floriano e pelo diálogo com a historiografia e a política do passado e do presente.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. *Novos Estudos*, n. 77, mar. 2007, p. 205-219.
- BASTOS, Alcmeno. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos Estudos*, n. 77, mar. 2007, p. 185-203.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina (1979-1992)*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PASSOS, José Luiz. *O marechal de costas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

PERKOWSKA, Magdalena. *Historias híbridas: la nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías posmodernas de la historia*. Madri: Iberoamericana; Berlim: Vervuert, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978.

WEINHARDT, Marilene. As vozes documentais no discurso romanesco. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2007.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.

Artigo aceito em abril de 2018.